



Experiências de comunicação popular na construção de identidades culturais para o fortalecimento da agroecologia no território da Bocaina

SILVA, C. Vanessa¹; NAPOLI, Eduardo²

¹ OTSS, vanessa.cancians@gmail.com; ² OTSS, edunapoli@gmail.com

Eixo temático: Comunicação Popular e Agroecologia

Resumo: O presente trabalho tem o objetivo de relatar as experiências técnicas de comunicação popular realizadas no território da Bocaina como propulsoras da valorização das identidades culturais na defesa dos territórios agroecológicos, da garantia da equidade de gênero e do combate ao racismo, bem como, da construção ideológica do papel da mulher nos espaços de luta em defesa da agroecologia. Este relato pretende partilhar as ações de comunicação realizadas pela equipe do Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS) durante o período de abril de 2018 a junho de 2019, em busca de evidenciar a importância de coberturas de comunicação popular nos territórios indígenas, caiçaras e quilombolas por meio da perspectiva da interseccionalidade.

Palavras-chave: Ferramentas comunicativas. Mulheres. Ecologia de saberes. Território.

Contexto

Em meio aos municípios de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba se encontram comunidades tradicionais caiçaras, indígenas e quilombolas. Nesses locais, há cerca de dez anos nasceu o projeto do Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS) por meio de uma parceria da Fundação Oswaldo Cruz e do Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT) e, dentre as diversas áreas de atuação desse projeto, a agroecologia é um dos eixos norteadores desse processo.

O OTSS conta com uma equipe de comunicação popular que atua registrando e sistematizando as diversas frentes de trabalho como agroecologia, turismo de base comunitária (TBC), cultura, defesa do território, justiça socioambiental, Agenda 2030, promoção da saúde, educação diferenciada. Dentro da área da agroecologia, a experiência de coberturas e a geração de conteúdos para o site do OTSS têm a finalidade de ser mais uma ferramenta de apoio para a construção dos processos agroecológicos.

Construir relatos, fotos, vídeos e histórias das mulheres agricultoras, das erveiras, dos pescadores, das artesãs, relatar as lutas em defesa ao território, narrar a resistência que é o jongo, o fandango caiçara, as corridas de canoas, a pesca. Contribuir efetivamente para que tudo isso que acontece no território da Bocaina não seja esquecido e que possa cada vez mais ser transmitido para as gerações futuras é o principal objetivo dessas ações de comunicação popular.

Ademais, o trabalho ligado à agroecologia envolve diretamente a luta em defesa dos territórios tradicionais, a soberania alimentar e nutricional e a garantia dos modos de



vidas desses povos. Por isso, com o objetivo de promover a valorização das identidades culturais por meio das práticas agroecológicas e evidenciar o papel das mulheres e das juventudes, a equipe de comunicação do OTSS realizou de abril de 2018 até junho de 2019 registros, coberturas e sistematizações de processos utilizando a comunicação popular para a promoção da agroecologia

Descrição da Experiência

As coberturas fotográficas e jornalísticas foram realizadas no período de abril de 2018 a junho de 2019 e tiveram como metodologia principal a ecologia de saberes como forma de criar uma comunicação popular que dialogue com os conceitos e práticas da agroecologia.

Durante o período citado acima foram documentados partilhas, encontros, reuniões e histórias de vida que narram recortes da agroecologia nesse território amplo e diversificado. Os conteúdos textuais e fotográficos gerados pela equipe promoveram a sistematização e registros das práticas agroecológicas. Além disso, os conteúdos também contribuíram para a valorização das identidades culturais das três etnias que integram esse processo, uma vez que, são construídos de maneira coletiva, utilizando a escuta ativa, o teatro do oprimido, a cultura popular e a ecologia de saberes como metodologias para tais ações.

Ao fazer registros que valorizam as vozes e narrativas dos povos e comunidades tradicionais, tais materiais fomentam o protagonismo e a autonomia comunitárias por meio da evidência dessas histórias, comumente silenciadas. Por meio dos conteúdos, carregados de sensibilidades, a comunicação popular do OTSS se molda de acordo com a necessidade de cada comunidade por onde passa. As experiências nesse caso, foram realizadas nas comunidades tradicionais caiçaras, indígenas e quilombolas e também dentro do campo institucional do trabalho do OTSS junto à Fiocruz. Todos os conteúdos e relatos tiveram como premissa a valorização da agroecologia como ferramenta de luta dos povos e comunidades tradicionais. Ademais, os trabalhos evidenciam também o papel das mulheres na proteção e defesa dos territórios agroecológicos, passando pelos quintais medicinais, pelo cultivo de alimentos, pela coordenação de processos e pela busca por autonomia e equidade.

Os exemplos citados abaixo trazem quatro experiências do trabalho desenvolvido durante esse período.

A primeira imagem aborda a cobertura no site do OTSS (www.otss.org.br) feita do “I Encontro de Diálogos e Convergências de Saúde e Agroecologia”, realizado em novembro de 2018 no Quilombo do Campinho em Paraty. Antes, durante e após a realização desse evento de quatro dias, a equipe de comunicação facilitou processos comunicativos junto às juventudes das comunidades tradicionais, auxiliou na elaboração das místicas e celebrações do evento e sistematizou com registro de fotos e textos todo o encontro.



No segundo exemplo, uma entrevista conta a história de vida de Denise Luiz, erveira tradicional da cidade de Ubatuba, narrando seus processos com as plantas e os quintais medicinais. Esse tipo de conteúdo tem sido desenvolvido ao longo desse período como forma de dar visão e impulsionar as diversas experiências na área da agroecologia por meio da comunicação popular.

O terceiro exemplo é um relato de uma das comunicadoras da equipe sobre o último encontro do GT Mulheres da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro que reuniu agricultoras, povos tradicionais e ativistas da área em um momento de troca de saberes e construção de agendas coletivas nos quilombos da Costa Verde.

A imagem de número quatro faz referências às formações de juventudes caiçaras, indígenas e quilombolas que estão sendo promovidas pela equipe OTSS. Para consolidar o protagonismo dessas juventudes, partilhar saberes e ferramentas de comunicação e para que cada uma e cada um possa atuar em seus territórios, encontros formativos em diversas linguagens estão sendo realizados desde 2018.

Imagem 1



Imagem 3

Imagem 2



Imagem 4



Resultados

Dentre os principais resultados dessa experiência, pôde se observar: maior visibilidade das ações ligadas ao campo da agroecologia; formação de juventudes para gerenciar de maneira autônoma as redes de comunicação do Fórum de Comunidades Tradicionais; empoderamento das mulheres sobre suas histórias de vida; geração de debates sobre questões de gênero dentro dos processos agroecológicos e institucionais que permeiam o trabalho do OTSS.

Pôde-se efetivar também, de maneira mais eficaz, as construções coletivas de conteúdos e processos e o crescimento das redes de comunicação agroecológica entre os integrantes da equipe. Ademais, a autovalorização e reconhecimento dos registros sistematizados como ferramenta de luta para a permanência e ampliação das práticas agroecológicas no território da Bocaina.

O processo comunicativo desenvolvido exerce, sobretudo, o papel de construir e ampliar as ferramentas de escuta entre as comunidades, integração das juventudes nos processos de comunicação que envolvem o OTSS e o FCT, transmissão de saberes horizontais, valorização da identidade negra e combate ao racismo por meio da comunicação feita pela equipe OTSS.



Agradecimentos

Os agradecimentos desse relato de experiência são direcionados, primeiramente, aos povos e comunidades tradicionais caiçaras, indígenas e quilombolas que resistem nesse território e lutam para manter seu nhandereko (modo de vida). E que, se tratando da palavra agroecologia, em suas mais diversas formas de habitar esse mundo, já conservam com seus saberes milenares, práticas agroecológicas que ensinam por meio da oralidade e do jeito de fazer.

Vale agradecer também toda equipe do projeto do Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina e da Fundação Oswaldo Cruz, que busca promover a agroecologia em todos os seus aspectos dentro das diversas áreas de atuação, evidenciando que saúde, agroecologia e bem viver precisam caminhar de forma conjunta.

Por fim, agradecer às mulheres que geram em seus ventres as gerações futuras, às indígenas, as negras, quilombolas, caiçaras, mulheres de terreiro, que guardam em suas casas, quintais e na criação dos filhos, a transmissão dos conhecimentos ancestrais que integram o modo de ver e de viver a agroecologia.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para Educar Crianças Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

HALL, Stuart. **Da diáspora: mediações culturais** - (cap. Os estudos Culturais e Cap. Que negro é esse na Cultura negra – Ed. UFMG, 2003. P34-336.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**. A educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013

MUNANGA, Kabengele, **Mestiçagem como Símbolo de identidade brasileira**. In: **Epistemologias do Sul**, (org.) Boaventura de Sousa e Santos e Maria Paula Meneses, São Paulo: Cortez 2010. P. 444 – 453;

MUNANGA, Kabengele, **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil** (identidade nacional versus identidade negra), Petrópolis, Editora Vozes, 1999. P19 -53

SANTOS, Boaventura de S. & MENESES, Maria Paula (orgs). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. 637p.